



IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil

“Educação e Contemporaneidade” 17 a 19 de setembro de 2015

ISSN 1982-3657

A CIBERCULTURA NA CULTURA ESCOLAR DO IFS

ANNE ALILMA SILVA SOUZA FERRETE

RODRIGO BOZI FERRETE

EIXO: 14. TECNOLOGIA, MÍDIAS E EDUCAÇÃO

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar a relação do Instituto Federal de Sergipe (IFS) com o conceito de cibercultura em sua cultura escolar. Para isso, realizamos uma pesquisa de cunho qualitativo através de análise de documentos do IFS e da legislação vigente; além de conversas informais com professores e alunos, entrevistas semiestruturada com professores, observação *in loco* da prática escolar em todos os *campi* do IFS. Os resultados apontam problemas internos gerados pelo desenvolvimento de uma prática tanto administrativa como pedagógica ultrapassada e sustentada pela exclusão de pesquisas e diálogos sobre novos recursos, ferramentas e opções pedagógicas disponíveis atualmente.

Palavras-chave: Educação. Cibercultura. Cultura Escolar.

Abstract

This article aims to analyze the relationship of the Federal Institute of Sergipe (IFS) with the concept of cyberculture in its school culture. For this, we conducted a qualitative research through the IFS document analysis and the applicable law, semi-structured interviews with teachers and informal conversations with teachers and students, as well as on-site observation of teaching practice in all campuses of the IFS. The results indicate internal problems generated by the development of both administrative practice as outdated and sustained pedagogical by excluding research and dialogue about new features, tools and educational options currently available.

Keywords: Education. Cyberculture. School Culture.

1. <> Introdução

Vivemos um período histórico marcado por um ritmo acelerado de mudanças tecnológicas que geram impactos psíquicos, culturais, científicos e educacionais em que conceitos básicos do dia a dia como os de espaço, tempo, real e imaginário vêm sendo revistos, reformulados, devido as mudanças estruturais que a sociedade vem passando através de uma evolução cultural. Esses impactos devem ocorrer nessas diversas esferas praticamente ao mesmo tempo e com velocidade crescente. Entretanto, isso não vem ocorrendo na esfera educacional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS).

Por isso, iniciamos esta pesquisa, motivados pelo seguinte problema de pesquisa: Como a Instituição de Ensino Tecnológica de Sergipe trabalha o conceito de cibercultura em seu cotidiano?

Para tentarmos responder a essa pergunta, lançamos mão do seguinte objetivo de pesquisa: analisar a relação do IFS com o conceito de cibercultura em sua cultura escolar. Para alcançá-lo, investigamos tanto a parte administrativa quanto a parte pedagógica da Instituição frente às mudanças tecnológicas vivenciadas pela sociedade e pela comunidade na qual a Instituição está inserida.

Para chegarmos às respostas das questões investigadas, enquanto fundamentação metodológica, realizamos uma pesquisa de cunho qualitativo, voltada para o processo e não, simplesmente, para o resultado e produto. Através da análise qualitativa coletamos e analisamos a maior parte das informações obtidas com aplicação do questionário, tais como: o que os professores entendem por cibercultura? Como desenvolvem suas aulas? Quais mudanças metodológicas realizadas nos últimos anos, frente aos avanços tecnológicos que permeiam a sociedade. Quanto aos alunos, procuramos questionar: o que acham da metodologia empregada pelos professores? O que entendem por cibercultura? Quais recursos tecnológicos que possuem à disposição durante as aulas? Quais recursos tecnológicos novos disponíveis no IFS para eles? Entre outras questões.

Com a revisão bibliográfica sobre a temática, procuramos fundamentação teórica de alguns autores. Além de procurarmos reunir alguns documentos do IFS para análise, como a legislação; além disso, fizemos análise dos dados coletados através de entrevista semiestruturada e conversas informais com professores e alunos, buscando entender como ocorrem oficialmente e na prática, a gestão da escola e as aulas, os recursos tecnológicos utilizados; enfim, o que o IFS está fazendo para acompanhar o desenvolvimento tecnológico. Além disso, utilizamos observação *in loco*, da prática escolar em todos os campi do IFS para confrontarmos as falas dos sujeitos com as ações praticadas.

Devido o tamanho da população da pesquisa, mais de 10000 alunos, 500 professores, seis campi (Aracaju, São Cristóvão, Lagarto, Estância, Itabaiana, Nossa Senhora da Glória e a Reitoria), optamos por constituir uma amostra intencional e não probabilística, constituída por três professores que encontramos ministrando aulas nos laboratórios de cada campus, no momento de nossas visitas, e os alunos que assistiam a essas aulas. Além disso, entrevistamos mais cinco professores que possuem cargos administrativos, sendo um de cada Pró-Reitoria (Administração; Gestão de Pessoas; Pesquisa e Extensão; Desenvolvimento Institucional e Ensino). Após a coleta, organização e análise dos dados, estruturamos o presente artigo apresentando inicialmente a metodologia da pesquisa seguida do que compreendemos por cibercultura, e por cultura escolar, pois são conceitos que possuem muitas interpretações e significados, e sentimos necessidade de esclarecer nossa compreensão sobre esses conceitos. Em seguida, descrevemos a cultura escolar que encontramos no IFS para, só então, podermos analisar o conceito de cibercultura nessa cultura escolar, a fim de buscarmos compreender melhor a interface da cibercultura ou cultura das mídias com a educação, que acreditamos contribuir para o entendimento dos desafios apresentados na cultura atual do IFS.

1. O conceito de cibercultura

O conceito de cultura pode ser compreendido de diversas formas. Levaremos em consideração o pensamento e abordagem de alguns autores, e a partir de então, chegaremos ao conceito de cibercultura.

Segundo Lemos (2003) podemos pensar o desenvolvimento da cultura a partir de três fases: a fase da indiferença (até a idade média), que se caracteriza pela mistura entre arte, religião, ciência e mito; a fase do conforto (modernidade) em que a natureza é dessacralizada, controlada, explorada e transformada, e a fase da ubiquidade (pós modernidade), caracterizada pela fase da simulação, a fase da cibercultura.

Entretanto, atualmente o conceito de cultura de um determinado grupo social precisa ser estendido a um conceito mais amplo e não pode mais ser delimitado ou caracterizado histórico e geograficamente apenas, tendo em vista que não temos somente um único espaço ou tempo, e sim vários espaços e tempos diversos, frutos do desenvolvimento tecnológico que nos obrigam a pensar a relação da tecnologia e a sociedade não mais separadamente, mas como pilares para a compreensão do conceito atual de cultura, e conseqüentemente, das culturas existentes.

Trabalhando o conceito de cultura enquanto caracterização dos costumes, regras, crenças e características de determinados grupos sociais, Santaella (2003, p. 35) parte do conceito de que “a cultura representa essencialmente as condições morais do indivíduo, enquanto a civilização significa as convenções da sociedade”. Dessa forma, ela diferencia os conceitos de civilização e cultura, sendo ambos influenciados pela tecnologia que tanto afeta as condições morais do indivíduo, quanto às convenções da sociedade.

A respeito das convenções da sociedade podemos citar como exemplo a Lei nº 12.965, de 23 de abril de

2014, conhecida como Marco Civil da Internet, criada para regulamentar o uso da internet no Brasil devido, entre outros motivos, ao aumento expressivo de crimes cometidos em seu uso num espaço artificial e que interfere diretamente na civilização brasileira por trazer novas regras sociais.

Santaella (2003), chama à atenção para o fato de que mudanças nas regras da sociedade estão ocorrendo cada vez mais rápido, em ritmo “acelerado frente às mudanças tecnológicas e os consequentes impactos psíquicos, culturais, científicos e educacionais que eles provocam”, e que alteram rapidamente conceitos básicos do cotidiano, além de exigir novos modelos de análise adequados a essa nova realidade.

Neste sentido, Lemos (2002) busca compreender como a tecnologia surgiu, e como ela se relaciona historicamente com a sociedade, e, para isso, parte da diferenciação básica entre técnica e tecnologia. Destaca ainda que a tecnologia se constitui nos objetos técnicos, como máquinas e seus respectivos processos de fabricação, enquanto que a técnica está ligada a várias áreas como: dança, economia, esportes, objetos, instrumentos e até máquinas. Faz-se necessária revisão histórica e etnográfica da formação dessa palavra para compreendermos seu significado atual.

Ao analisar a etimologia da palavra técnica, verificamos que tem sua origem do termo grego *tekhnè* e que pode ser traduzida como arte, modo, estilo. É usada na formação de várias outras palavras como, por exemplo, na palavra matemática, que é formada pelo radical grego *matema* que significa aprender, conhecer, entender, e o sufixo *tica* que vem do grego *tekhnè*, ou seja, pela análise da palavra matemática esta significa a técnica (arte, modo, estilo) de aprender, conhecer e entender.

No intuito de buscar uma compreensão em uma das vertentes sobre o significado de cibercultura, partimos da análise do prefixo “ciber” de cibernética associado à palavra “cultura”, enquanto conjunto de conhecimentos, técnicas e artefatos, de padrões de comportamento e atitudes que caracteriza uma determinada sociedade. No entanto, Teixeira (2012) afirma que existem diversas interpretações, e em alguns casos até mesmo ambíguos, sobre a etimologia dessa palavra, por isso, explicitamos que a compreendemos, a partir do pensamento de Lèvy (2010, p. 17), que diz que cibercultura trata de um “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. E continua afirmando que as “técnicas” condicionam as interações sociais, mas não representam a cultura do ciberespaço, que se incorporem no espaço virtual cognitivo das pessoas, na partilha de sentimentos, informações e saberes. E ainda complementa Lèvy (2010, p. 17), “a virtualização é um dos principais vetores da criação da realidade”.

Já Lemos (2002, p. 77) acrescenta a interpretação de Lèvy, e explicita que:

A cibercultura será uma configuração sócio-técnica onde haverá modelos tribais associados às tecnologias digitais, opondo-se ao individualismo da cultura do impresso, moderna e tecnocrática. Com a cibercultura, estamos diante de um processo de aceleração, realizando a abolição do espaço homogêneo e delimitado por fronteiras geopolíticas e do tempo cronológico e linear, dois pilares da modernidade ocidental. No entanto, esta conectividade generalizada não é isenta de críticas.

Desta forma, Lemos entende que a cibercultura é a relação entre as tecnologias de comunicação, informação e a cultura, caracterizada por uma nova relação entre tecnologias e sociabilidade, configurando a cultura contemporânea, na qual, todos são estimulados a produzir, distribuir e reciclar conteúdos através de redes sociais que se constituem em uma sociedade conectada, colaborativa, hipertextual, destituída de presencialidade física, e apoiada por interfaces da web.

Portanto, temos uma enorme potencialidade pedagógica em mãos a ser explorada pelos professores nas escolas, e requer que repensemos as práticas atuais, a partir da realidade dos alunos, discutindo suas possibilidades, limitações e problemas existentes, e com a certeza de que não podemos ignorá-la no processo de ensino e de aprendizagem, pois o conceito de cibercultura está em permanente transformação e devemos discutir suas implicações educacionais dentro e fora dos espaços escolares.

3. O conceito de cultura escolar

Após breve discussão apresentada de cultura e cibercultura, somos levados explicitar nossa compreensão sobre cultura escolar, a fim de que possamos entender a relação da cibercultura na cultura escolar do IFS. Para isso,

consideramos a cultura escolar como práticas, modos, hábitos, comportamentos e normas sociais praticados dentro da escola, inclusive durante o processo de ensino e de aprendizagem.

Pode-se dizer também que a escola rompeu as barreiras e limites territoriais, porque não se faz e nem se constrói educação dentro dos muros escolares somente. Nesse sentido, a escola precisa estar conectada com o mundo lá fora, pois a cultura não mais se prende ao contexto local, mas amplia-se e desenvolve-se sustentada pelas informações proporcionadas pelas conexões globais.

Porém, tanto a cultura quanto a cultura escolar se diferenciam quando é especificada em sua profundidade. Esta última, pelos símbolos materiais e a forma de interação das pessoas dentro dos espaços estratégicos que desenvolvem uma visão de mundo, da realidade, da sociedade, a partir dos conceitos específicos de cada escola. Desta forma, por mais que se busque seguir o mesmo padrão nacional, regional ou local, podemos considerar que não existem duas culturas escolares iguais, pois cada escola é formada por indivíduos diferentes, estruturas diferentes, regras e regimentos específicos, e, portanto, diferenciadas em cada unidade, ou seja, possuem especificidades em sua arquitetura, são constituídas por prédios destinados a abrigar escolas; além de possuírem mobiliários, carteiras, lousa, giz, materiais didáticos que podem ser padronizados por região, estado, município; e ainda serem modificados internamente pelos sujeitos de cada escola.

Vale enfatizar que os Institutos Federais, presentes em todos os estados brasileiros, foram criados no mesmo dia, segundo normatização nacional. Nesta perspectiva, não existem dois Institutos Federais iguais, destinados e construídos para atender às necessidades e condições de cada grupo que compõe a cultura escolar de cada Instituto. Cada um foi adaptado e modificado, de acordo com o espaço, tempo e pessoas que fizeram parte de cada unidade institucional. Com isso, a análise proposta na pesquisa não pode ser generalizada a todos os Institutos Federais, mas pode ser utilizada como referência para pesquisas com o mesmo intuito, servindo, inclusive, para o estabelecimento de comparações da temática entre os outros Institutos.

Na mesma perspectiva, Nóvoa (1999) diz que cultura escolar é o modo particular de interagir, de trabalhar, de agir e de pensar, que consolidam as práticas cotidianas e expressam o modo de ser particular, de cada escola, constituindo a sua identidade. Os elementos culturais, ideológicos, as crenças e as expectativas, vinculadas aos sujeitos e aos grupos presentes no cotidiano da escola podem tanto fortalecer, consolidar, como expressar resistências aos processos que nela se desenvolvem.

As diferenças entre as culturas das escolas explicariam porque certos processos despertam em algumas unidades pronta adesão, ao passo que em outras, grande resistência. Desprezar esses aspectos pode fazer com que as mudanças sejam inócuas, pois as mesmas, para serem efetivas, necessitam ser apropriadas pelos sujeitos por ela atingidos.

4. A cultura escolar do IFS

O IFS tem, desde a sua implantação em 1909, vivenciado diversas modificações estruturais, tanto administrativas, quanto pedagógicas, iniciando sua história como Escola de Aprendizes, até chegar à modalidade de Educação à Distância – EaD, em 2012. Nesse processo o IFS recebeu várias nomenclaturas, entre as quais destacamos a de 1965, quando, a então Escola Industrial de Aracaju, passou a ser denominada de Escola Técnica Federal de Sergipe, ofertando ensino médio e formação profissional, concomitantemente.

Desde 1958, apesar da mudança da nomenclatura oficial só ter ocorrido nessa data, a Escola Industrial de Aracaju se tornou uma Autarquia Federal, e passou por uma reforma curricular; conquistou a equivalência com o ensino médio, e integrou em seu componente curricular, as disciplinas: matemática, história, geografia, entre outras. Vale frisar que todos os cursos eram de ofícios ou de iniciação profissional, até a passagem para Escola Técnica Federal de Sergipe.

No período de 1958 a 2002, eram trabalhadas apenas as disciplinas do ensino médio nos cursos técnicos, e naquele período, o nome da Instituição foi popularizado e reconhecido entre a sociedade local, enquanto Escola Técnica Federal. Foram formados vários profissionais que atuaram como técnicos na área da indústria crescente naquela época. Analisando algumas informações através dos dados coletados na entrevista, foi evidenciado o depoimento do Professor A (Informação Verbal, 2013):

A escola técnica foi um caso de sucesso e todo caso de sucesso marca. Na época, a escola técnica estava adequada à indústria de Sergipe. Os alunos se formavam e eram absorvidos pela indústria local rapidamente. Normalmente eles estagiavam em uma empresa, e depois permaneciam trabalhando nessa empresa. E isso durou muito tempo, algumas décadas, e ficou na cabeça, e foi passando de pai para filho. Quando mudou para CEFETSE, buscou-se uma nova identidade, só que ficou pouco tempo, pois fomos uma das últimas Escolas

Técnicas a se tornar CEFET. Em seguida, nos tornamos IFS e começou o processo de construção de uma nova identidade que existe há poucos anos.

Nessa fala percebemos que foi durante o período da Escola Técnica, que muitos técnicos conseguiram se destacar no mercado de trabalho em Sergipe, especialmente em Aracaju e Lagarto, principalmente, por a escola estar sediada nesses dois municípios. E houve uma procura acentuada dos alunos da Instituição para prosseguirem seus estudos em cursos de graduação e pós-graduação em outras Instituições de Ensino. Diante da mudança promovida naquela época em seus 37 anos, motivo pelo qual o nome ainda permanece na cultura da população, e em meio às transformações que perpassam na educação profissional, vale salientar que, em 2002, a Escola Técnica Federal de Sergipe, passou a ocupar o status de Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET/SE), ofertou em 2007, a educação profissional técnica e o ensino médio, de forma integrada, além de oferecer a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e ofertar Cursos Superiores. Ressalta-se que a ETFSE, foi à última Escola Técnica Federal do Brasil a tornar-se CEFET, 24 anos depois da criação do CEFET de Minas Gerais, Paraná e Rio de Janeiro. Essa mudança abriu espaço para que a mesma ofertasse cursos superiores em tecnologia, tendo como primeiro curso superior ofertado o de Tecnologia em Saneamento Ambiental, em 2003.

Em 2008, com a proposta de integração das autarquias federais através da Lei n.º11.892 e Portaria n.º116/SETEC, de 31 de março de 2008, com a unificação do Centro Federal de Educação Tecnológica de Sergipe (CFET/SE) e Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão (EAFSC), deu-se origem ao Instituto Federal de Sergipe Ciência e Tecnologia-IFS, composto por três *Campi*: Aracaju, São Cristóvão e Lagarto, sediados nos municípios de seus respectivos nomes. A partir de 2009, com a segunda fase de expansão o IFS, fundamentado na análise de variáveis geográficas, socioambientais, econômicas e culturais, e contemplando de acordo com os arranjos produtivos locais (APL) de agricultura, comércio e indústria, implantou mais três campi: Estância, Nossa Senhora da Glória e Itabaiana, totalizando atualmente, seis campi e uma Reitoria localizada na cidade de Aracaju. (PDI/IFS/2009).

Assim, o IFS contempla, entre outras finalidades:

[...] ofertar educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional. (PDI/IFS, 2009).

Diante do exposto, os Institutos Federais se transformaram em instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi, especializados na oferta de educação profissional e tecnológica, nas diferentes modalidades de ensino. Destacando, ainda que, para efeito de regulação, avaliação e supervisão das instituições e dos cursos de educação superior, os Institutos Federais são equiparados às universidades federais, ou seja, os Institutos surgem com a função também de ofertar o ensino superior, tendo a flexibilidade de atuar em várias modalidades e níveis de ensino.

Da mesma forma que às Universidades, os Institutos Federais, passaram a ter estruturas idênticas, ou sejam, processo de eleição para Reitores, mandatos de quatro anos, quantitativo de participação discentes de forma proporcional nas eleições, o mesmo para os docentes e técnicos-administrativos. O IFS/SE apresenta como características específicas: desenvolvimento de pesquisa aplicada em detrimento da pesquisa pura; possui normas específicas para oferta de vagas de seus cursos; Reitoria localizada em um espaço próprio, além disso, possui plano de carreira específico para seus professores que são contratados como Professores de Educação Básica, Técnica e Tecnológica, enquanto que os docentes das Universidades Federais são contratados como Professores do Ensino Superior. Além dessas mudanças, destacamos que, a partir do processo de criação do IFS, ocorreram:

1. Fusão entre duas instituições de ensino, o CEFETSE e a EAFSC; lembrando que o CEFET tinha em sua composição a unidade descentralizada de Lagarto (UNED), e trabalhava com cursos voltados para a área industrial; enquanto a EAFSC trabalhava com cursos voltados para a área agrícola, tendo, inclusive o regime de internato para seus alunos;
2. Criação de mais três campi: Estância, Itabaiana e Nossa Senhora da Glória, o que proporcionou um grande aumento de servidores, alunos e uma nova realidade multicampi;
3. Autorização da construção de mais quatro novos com sede nos municípios de Poço Redondo, Propriá, Tobias Barreto e Nossa Senhora do Socorro;

4. Oferta anual de, no mínimo, cinquenta por cento de suas vagas para educação profissional técnica de nível médio, e no mínimo, vinte por cento para os cursos superiores de licenciatura, preferencialmente, das áreas de ciências e matemática, e para a educação profissional.

Assim, o IFS possui hoje uma Reitoria, onde fica a parte administrativa sistêmica, responsável pela gestão orçamentária, administrativa e pedagógica de seus campi que ofertam 53 cursos nas modalidades de cursos Técnico, Subsequente, Educação de Jovens e Adultos, Superior, Pós-Graduação e Educação a Distância (EaD). Atualmente o IFS está em processo de construção de sua identidade, originada pelo híbrido das identidades do CEFET/SE, da Escola Agrotécnica Federal de Sergipe e da Universidade Federal, e apresenta também características novas a partir de sua criação. Não possui ainda, uma identidade consolidada, ou seja, uma cultura escolar definida. Na verdade, sua cultura escolar encontra-se em fase de identificação, pois entendemos que todas as culturas escolares estão em construção devido a cultura não ser um produto final, acabado, e sim, algo em constante construção. Desta forma, compreendemos que, ao analisarmos a cibercultura na cultura escolar do IFS, através desta pesquisa, estaremos colaborando com a identificação e construção da cultura escolar e administrativa do IFS.

5. A cibercultura na cultura escolar do IFS

A informatização das escolas é um dos grandes desafios do século XXI, pois o mundo está cada vez mais dependente das tecnologias, uma vez que nos permitem utilizar as ferramentas disponíveis e acessar as mais variadas conexões com todas as partes do mundo, em diferentes países, com as mais diversificadas culturas, extrapolando e ampliando todos os limites de tempo e de espaço territoriais e conexões globais. No entanto, esse processo tem ocorrido de forma acelerada e as escolas, de um modo geral, não têm conseguido acompanhá-lo, como o que observamos no IFS.

Apesar de ser intitulado Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe, observamos, em nossa pesquisa, que ele se constitui na verdade, em uma Instituição de Ensino que apresenta os mesmos elementos pedagógicos característicos de um ensino clássico, com uma pedagogia clássica, fundamentada no conhecimento do professor, como o ser que detém todo o conhecimento, enquanto que os alunos ficam sentados em filas indianas para receber os conhecimentos de que precisam. Apesar da maioria dos Campi possuírem conexão *wi-fi*, os professores normalmente não a utilizam, e quando fazem, em sala de aula, geralmente é para preencher o diário de classe, disponibilizado *online*.

No entanto, observando várias salas de aula através das janelas ou portas, sem interferir nas mesmas ou chamar à atenção dos alunos ou professores, constatamos que os alunos estão constantemente conectados à internet através de seus aparelhos celulares, fazendo uso da mesma, durante boa parte das aulas. Em conversas informais com esses alunos, durante o intervalo das aulas, estes revelaram que a maior parte do tempo ficam conectados em *chats* de bate papo com outros alunos ou com outros amigos, e raramente utilizam essa ferramenta para pesquisar algo relacionado ao conteúdo estudado, pois entendem que o professor possui todo o conhecimento necessário do assunto e não veem razão para realizar pesquisas ou simplesmente, não possuem estímulo ou orientação do docente para pesquisar, pois consideram, na maioria das vezes, o assunto "chato", e desinteressante.

Por essas observações constatamos que a abstenção de professores e gestores educacionais na utilização das tecnologias digitais na educação, envolve uma questão sociocultural mais ampla e profunda, e quem deseja sobreviver profissionalmente a essas mudanças ciberculturais não tem outra opção, senão adaptar-se à época em que vivemos, marcada por novos modos de comunicação, estilo de vida, identidades, entretenimento, interatividade, que geram a necessidade de novas formas de ensinar e aprender, além de poder manter o aluno interessado e motivado em sala de aula.

A adaptação a esse novo cenário requer uma estratégia definida, com base em uma clara compreensão da nova cultura emergente, dos valores explícitos, dos objetivos educacionais, e que evitem o instrucionismo mecanizado. Esse fato é reforçado quando observamos alunos de todos os campi do IFS utilizam seus aparelhos celulares durante as aulas em diversas atividades como participar de *chats*, *facebook*, *instagram*, *whatsapp*; além de jogos *online* e *offline*; baixar músicas ou simplesmente navegar na internet para passar o tempo, enquanto os professores ficam a frente, na sala de aula realizando seus discursos educacionais, muitas vezes vazios de significados para boa parte dos alunos.

São atitudes observadas constantemente no IFS, e através da amostragem realizada na pesquisa em cada um desses Campi, constatamos que, em média, a cada 10 alunos, 8 possuem telefone celular, e 4 fazem uso dessa

tecnologia diariamente durante as aulas. Levando em consideração que as turmas do IFS possuem, em média, 40 alunos, temos uma média geral em cada sala de aula, de 32 alunos com essa tecnologia, ou em termos percentuais, 80% dos alunos. Sendo que 16 utilizam as tecnologias digitais durante as aulas, ou em termos estatísticos, 40% dos alunos a utilizam independentemente.

Esses dados chamam bastante a atenção principalmente, por dois motivos: a capacidade financeira dos alunos em adquirir tecnologias móveis modernas; e a possibilidade pedagógica que esse cenário possibilita aos professores que, simplesmente a ignoram ou lutam contra, e tentam impedir que os alunos a utilizem durante suas aulas.

Como o IFS possui, em cada Campus, diversos laboratórios para atender aos seus cursos, realizamos pesquisa após algumas aulas nesses laboratórios para sabermos o que foi trabalhado nessas aulas e o que os alunos acharam da integração das tecnologias digitais em suas aulas. Após coletas dos dados, verificamos que aproximadamente 90% dos discentes alegaram preferir as aulas ministradas nos laboratórios às ministradas nas salas de aula, por considerá-las mais interessantes e divertidas. No entanto, mesmo nessas aulas, os alunos continuaram utilizando os recursos tecnológicos de seus aparelhos celulares, mesmo nos laboratórios que possuem computadores com acesso a internet, pelo simples motivo de restrição à navegação na internet presente nos laboratórios ou receio do professor, ou até dos outros colegas, observarem o que estão fazendo.

De acordo com a pesquisa realizada, em relação às aulas práticas nos laboratórios, podemos evidenciar dois fatos principais: não importa quanto à aula seja interessante ou não para os alunos, estes sentem uma necessidade de continuarem conectados, utilizando seus recursos tecnológicos móveis; e a importância da privacidade do que fazem, enquanto estão conectados, apesar da exposição de suas ações em canais de comunicação como o *facebook*, *instagram*, ou seja, aceitam se expor a todos que também estão conectados a esses canais, menos para as pessoas que estão a sua volta.

De outra forma, apesar de os professores praticamente não fazerem uso dessas tecnologias em sala de aula, muitos docentes têm utilizado para comunicar-se com os discentes, pois conseguem, através desses canais de comunicação, aproximar-se e conhecer melhor seus alunos do que através de conversar presenciais durante as aulas ou nos intervalos entre uma aula e outra. Esse fato pode ser explicado pelo fato dos alunos se sentirem mais à vontade para se expressar no mundo virtual, do que no presencial, ou ainda, em alguns casos verificados, por não visualizarem, no mundo virtual, toda a autoridade do professor, uma vez que, no mundo virtual, todos são usuários, não existindo hierarquias, enquanto que em sala de aula, o professor representa a autoridade, o dono do saber e da verdade.

Corroborando com o contexto exposto anteriormente, o mundo virtual oferece várias possibilidades de comunicação e interação que tem atraído, cada vez mais, a atenção, principalmente, da juventude, oferecendo uma nova maneira de ser e estar no mundo e até mesmo, um novo mundo denominado de ciberespaço, por inúmeros autores. Estudos e pesquisas sobre essas relações ainda são poucos e difíceis de serem realizados, pois, as novidades são muitas e se modificam rapidamente.

Esses dois vetores de quantidade e velocidade são grandes desafios para a sociedade como um todo e, principalmente, para os professores que, em suas formações são, muitas vezes, doutrinados por currículos ultrapassados, resistentes ao tempo, uma vez que na maior parte, os professores que elaboraram esses currículos não vivenciaram e preferiram ignorar as mudanças que vem ocorrendo. Isso gera um ciclo vicioso que não pode ser utilizado como justificativa para a não abertura das salas de aula ao ciberespaço, pois entendemos que, ser professor é estar em constante estado de aprendizagem, devendo os professores se arriscarem e começarem a experimentar novas possibilidades pedagógicas dentro da nova realidade dos alunos.

As mudanças de paradigmas em qualquer situação requer cautela, persistência e, às vezes, confrontos. Assim no IFS, observamos normas sistêmicas que dificultam a implementação de novas práticas pedagógicas em cada campus, por apresentar especificidades, pois possuem identidades próprias. Observamos no IFS uma situação geral que dificulta a implementação de novas práticas pedagógicas, devido a burocratização das normas de ensino. Esse fato é constatado em todos os seis campi, por serem subordinados a uma Reitoria, externa a todos os campi, que tem como objetivo, criar e fiscalizar o cumprimento de todas as diretrizes de ensino, pesquisa e extensão. Desta forma, qualquer curso dentro do IFS, para reformular seu projeto pedagógico, precisa justificar à Reitoria, a necessidade e importância de tal ação, e esta é quem formará uma comissão de trabalho, instituída através de portaria, com membros e prazo para conclusão do trabalho, e que, após isso, será avaliado e aprovado ou não pelos órgãos superiores competentes da Reitoria.

O processo burocrático se torna ainda mais injusto quando observamos que, cada campus possui uma identidade específica. Por exemplo, temos dois campi agrícolas e quatro industriais, sendo que um possui regime

de internato para parte de seus alunos. Queremos mostrar com isso, que cada campus possui uma identidade própria, regida por regras gerais que, muitas vezes, não atendem às suas necessidades. Essa situação, torna-se ainda mais complexa, quando observamos a falta de diálogo entre cursos ofertados no Instituto dentro do mesmo campus, com os cursos dos outros campi. Não identificamos qualquer comunicação entre as coordenações dos cursos de campi diferentes, além de comunicação precária entre os coordenadores de cursos do mesmo campus.

Observamos problemas de comunicação também entre os professores, tanto em uma visão macro, pois não possuem, de modo geral, comunicação com os professores de outros campi, como também do próprio campus, e em alguns casos, do próprio curso. Identificamos em alguns campi a preocupação com o diálogo entre os professores do mesmo curso, sendo realizadas periodicamente reuniões entre os mesmos, mas em outros campi, isso não é realizado, o que proporciona o fato de os professores não conhecerem e nem saberem quem são os professores que ministram aulas das outras disciplinas de um determinado curso.

Constatamos que, apesar do IFS em sua nomenclatura oficial, ser um Instituto Tecnológico, este não vem justificando sua nomenclatura, apresentando nas esferas administrativa e pedagógica, inúmeros problemas que poderiam ser solucionados ou amenizados, através dos recursos tecnológicos disponíveis para ajudar na comunicação da Reitoria com os campi, entre os coordenadores e professores dos cursos, entre os professores e alunos, Reitoria e professores, Reitoria e alunos, coordenadores e alunos, enfim, entre todos que participam do IFS.

6. Considerações Finais

Acreditamos que, com a incorporação administrativa de práticas de comunicação mais eficazes e atuais, estas serão refletidas nos processos pedagógicos e também nas aulas dos professores, estimulando estes a refletir, inclusive sobre sua prática pedagógica frente às novas possibilidades metodológicas disponíveis aos alunos. Apesar de termos identificado que, no processo de ensino e de aprendizagem, não basta apenas fazer uso das tecnologias atuais para conseguir total atenção e interesse dos alunos, pois existem outras situações e problemas que não podem ser resolvidos simplesmente pelo uso das tecnologias digitais. Entendemos que estas observações podem contribuir significativamente para a melhoria do processo de ensino e de aprendizagem, no que se refere à comunicação e às relações entre o professor e seus alunos, além da gestão escolar.

A melhoria na comunicação pode contribuir com troca de experiências, tanto pedagógicas quanto administrativas, ajudando tanto a gestão escolar, quanto nas práticas de ensino, tendo em vista que, as mudanças tecnológicas na sociedade têm ocorrido de forma acelerada e não existem respostas, em alguns casos, nesse momento, frente aos novos conceitos como o de cibercultura, ciberespaço, entre outros em relação ao que é correto ou não. O que não se pode e não se deve ser feito é ignorar essas transformações, essa nova realidade, esses novos conceitos e tudo o que eles trazem de positivo e negativo, e sim, arriscar-se na tentativa de entendê-los, utilizando as ferramentas e técnicas que eles trazem, ou seja, deve-se arriscar a entrar nesse mundo novo do qual os alunos já fazem parte.

Infelizmente constatamos, tanto por parte dos professores que participaram no momento da realização desta pesquisa, da gestão do IFS, como da maioria dos professores que observamos, que estes não possuem apropriação tecnológica ou desconhecem o conceito de cibercultura, ciberespaço e continuam utilizando os recursos tecnológicos de forma tímida, superficial, limitada às funções básicas dos mesmos, ou seja, não se aventuram no uso do potencial pedagógico dessas ferramentas tecnológicas, e continuam realizando suas práticas pedagógicas tradicionais. Poderiam, por exemplo, fazer uso dos aparelhos que a maioria dos alunos possui, e utilizam durante suas aulas, para realizar pesquisas ou atividades orientadas em sala de aula.

Desta forma, os resultados apontam problemas internos, gerados pelo desenvolvimento de uma prática, tanto administrativa como pedagógica ultrapassada, sustentada pela exclusão de pesquisas e diálogos sobre novos recursos, ferramentas e opções pedagógicas disponíveis atualmente. Ou seja, apesar de ser um Instituto de Ensino Tecnológico, este não vem acompanhando o desenvolvimento tecnológico da sociedade, ignorando o conceito de cibercultura, e, conseqüentemente, o uso das tecnologias digitais incorporadas ao processo de ensino e de aprendizagem em sala de aula.

Referência

BRASIL. Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014. Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 abr. 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm>. Acesso em: 25 mai. 2014.

IFS. **Relatório de Gestão IFS 2012**. Sergipe: IFS, 2012. Disponível em: <www.ifs.edu.br/images/reitoria/2012/rgi.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2013.

IFS. **PDI: Plano de Desenvolvimento Institucional**. Sergipe: IFS, 2009. Disponível em: <www.ifs.edu.br/images/reitoria/2011/pdi.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2013.

LEMOS, A. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LEMOS, A. **Cibercultura**: alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, A.; CUNHA, P. Olhares sobre a cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LÈVY, P. Cibercultura. São Paulo: Edi-tora 34, 2009.

_____. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 2010

NÓVOA, Antônio (org.). **As Organizações Escolares em Análise**. Lisboa: Portugal: Edições Dom Quixote, 1999.

PROFESSOR A. Professor das Disciplinas Técnicas do curso Técnico Integrado em Edificações. Entrevistador: Rodrigo Bozi Ferrete. Aracaju, Sergipe/SE, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

TEIXEIRA, M. **Cyberculture**: from Plato to the virtual universe. The architecture of collective intelligence. Munique: Grin Verlag, 2012a.

Doutorado em Educação. Vice líder do Grupo de Pesquisa NUCA, professora Pesquisadora do Grupo de Pesquisa do NUPIEPED, e do EDaPECI. Professora do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: alilma.ferrete50@gmail.com.

Doutorando em Educação do PPGED/UFS. Professor de Matemática do Instituto Federal de Sergipe (IFS). Membro do Grupo de Pesquisa GEPEASE (Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental de Sergipe). E-mail: rbferrete@gmail.com.

Recebido em: 26/06/2015

Aprovado em: 01/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: